

ATENÇÃO PSICOLÓGICA E AGORIDADE

Ângela Nobre de Andrade

Esse texto traz para reflexão e debate, uma proposta de prática psicológica em instituição pública (UFES), ofertada como estágio regular pelos alunos de Psicologia, denominada “Projeto Agora”. Trata-se de uma proposta não conformada ao conceito de clínica como compreendido no campo biomédico e utilizado predominantemente nas práticas psicológicas, qual seja, o intuito de conhecer/explicar o problema (sofrimento e/ou doença) para, então, fazer os encaminhamentos necessários para solução e/ou cura¹. No presente, cada **encontro** é concebido como um acontecimento: múltiplos sentidos/afetações produzem-se e podem (ou não) gerar transformações, independentemente da tradicional concepção de temporalidade extensiva, pois se transita primordialmente pelo campo das intensidades.

O Intensivo como Potência de Ação.

Tal concepção de encontro rompe com o modelo herdado de pensamento em que a possibilidade de transformação exige o estabelecimento de uma relação intersubjetiva de confiança, através de um tempo gradual e relativamente longo, para que ocorra o conhecimento de um si mesmo (tomada de consciência). Tal processo possibilitaria ao sujeito, gradativamente, descobrir as causas de suas dores e mudar seu comportamento e/ou modos de estar na vida. O psiquismo desenvolve-se ou transforma-se, assim como o organismo, em uma temporalidade extensa, cumulativa e linear (passado, presente e futuro). Quando esse desenvolvimento natural é **truncado**² (ocorrência de um inesperado no modelo ideal estabelecido), nomeia-se de sofrimento e/ou doença e recorre-se a um

¹ De acordo com o Houaiss, clínica é definida como “tratamento e/ou realização de exames por especialistas”, “local onde se realizam tratamentos especializados não necessariamente médicos”, “conjunto de sinais, sintomas e evolução de uma doença que podem ser observados diretamente”, entre outras.

² No presente, o conceito **truncado** será utilizado para destacar a concepção modelar de vida, em que equilíbrio e estabilidade são considerados imanes e naturais. Assim, toda **produção** de diferença é interpretada em seu inverso, como negatividade: um truncar/interromper/mutilar/tornar incompleto algo que seria totalizante e completo em si mesmo.

especialista para a retomada do desenvolvimento equilibrado, sinônimo de estabilidade físico/emocional, saúde e felicidade.

Nessa perspectiva, o especialista aparece como aquele dotado de um saber/fazer objetivo, aprendido na Academia, que o autoriza a dar conta ou ajudar o outro nessa resolução do truncado e restabelecimento da saúde/alegria. Ao assumir esse lugar, o profissional exerce seu ofício com certa tranqüilidade, pois credita as transformações do outro à sua atuação/intervenção ou, dito de outra forma, sabe o que está fazendo, distingue, com maior ou menor clareza e objetividade, as causas daquele truncamento e as formas de levar o outro a superá-lo. Nesse modelo, a menor ou maior clareza (ou o saber fazer) está associada ao maior domínio do saber teórico e das próprias emoções (conhecimento aprofundado de si e resolução dos próprios truncamentos). Um ser humano quase além do bem ou do mal. Obviamente que esse saber fazer está diretamente associado à teoria que lhe define o modelo de normalidade e saúde e a técnica correta para que o outro recupere seu equilíbrio. Entretanto, apesar dessa diversidade de teorias psicológicas, com seus objetos de estudo e técnicas próprias, sustenta-se, em todas elas, um suposto domínio do saber por parte do especialista, que lhe exige uma ultra-formação, para que ocupe o lugar desse super-homem. Sua atuação não é concebida como uma produção coletiva, mas focalizada em sua competência individual: ele é responsável pelo produto de seu trabalho e, portanto, deve ser competente para discernir sobre certo e errado, bom e mal profissional, boa ou má escuta, compreensão e interpretação corretas, postura própria adequada, entre outros.

Enfim, ter um domínio sobre si, para que seu discernimento (que deveria ser objetivamente claro) não seja contaminado pelos truncados próprios, mal resolvidos. Proliferam-se cursos de formação e escolas que, em nome de uma formação teórica/pessoal competente, transformam-se em redutos, com mestres e discípulos, não muito diferentes das chamadas igrejas universais de deus. Afinal, se a boa formação passa por um saber fazer objetivo e universal, não cabe espaço para reflexões, críticas, debates, conflitos, fazeres próprios e criativos. As angústias, fruto das incertezas, são valoradas como menos,

um menor domínio/explicação sobre o truncamento do outro que será superado através do estudo teórico transmitido pelos mestres³.

Esta concepção de profissional, ainda predominante na Academia, instituiu-se e reproduz-se associada aos **valores societários** imperativos na modernidade, tais como: razão objetivante técnico-científica; concepção inata de ser humano, através da negação dos processos sócio-históricos presentes na instituição das diversas realidades, criando o dualismo interno/externo com exacerbação do primeiro e conseqüente responsabilização e culpabilização individuais; relações de produção sócio/política/econômica reguladas pela égide do mercado, que institui saberes especialistas diferenciados e superiores ao senso comum, com reprodução da lógica mercadológica nas trocas e circulação desses saberes/poderes.

Estes rápidos exemplos da intrínseca relação entre valores/crenças e o estabelecimento das relações societárias, exigem uma avaliação crítica do **Valor** dos valores estabelecidos quanto ao chamado saber especialista, no tocante aos efeitos produzidos a partir de tal lugar/postura. Ou seja, o que esta forma de estar na vida (como especialista, detentor de um saber/poder) tem engendrado? O que sua postura e práticas cotidianas têm colocado em funcionamento na (con) formação das relações societárias?

Essas reflexões vêm acontecendo, há alguns anos, provocadas, principalmente, pelos desafios encontrados pela Psicologia quando sua inserção nas Instituições Públicas, realidade bastante diversa daquela encontrada, até então, nos setores privados da sociedade. Apoiados em pensadores críticos, que apontam para a genealogia do pensamento modelar que conforma a sociedade moderna e, no caso brasileiro, uma conformação basilar de exclusão com aniquilamento⁴ de grande parte de seus membros, grupos de psicólogos

³ Esta apresentação/descrição da formação do psicólogo está propositalmente caricata com o intuito de provocar o leitor. O embate entre forças (concepções/práticas) regulatórias e emancipatórias ou adaptativas e criativas está presente em todas as configurações e, como tal, sempre esteve presente na Academia. Sabe-se, e muitos trabalhos e pesquisas mostram-no, que tem crescido, na formação do psicólogo, uma exigência de reflexão crítica sobre as dimensões ética, estética e política de sua inserção na sociedade e a relevância de seu trabalho na criação de concepções/relações calcadas em modos plásticos e expansivos de vida em contraposição aos modelos predominantes conformados de aprisionamento e aniquilamento do outro.

⁴ Toda conformação societária institui-se a partir de e é instituinte de processos de exclusão. Formação de grupos que se aproximam por interesses, modos de estar e sensibilidades comuns, que intensificam a expansão de vida de seus membros através dos encontros. Os outros grupos são percebidos como diferentes, ou até mesmo desinteressantes, porém, não são valorados como menos ou inferiores e, nesse sentido, são respeitados em suas formas de estar, uma concepção/relação horizontal de poder/saber. O embate acontece

deram início a debates importantes sobre suas implicações desse contexto societário. Desde então, esse debate está presente na formação desse profissional, apontando para a necessidade de subversão desse modelo através da criação de outras formas de existência – não modelar e normativa - que implica na transmutação desses valores. Em outras palavras, o cerne da subversão está da forma de se afetar pela **alteridade**, compreendida, então, como uma **produção de diferença imanente** à vida e não reduzida às diferenças identitárias, em que a **estabilidade** (essência) permanece como imanente e norteadora de modelos, categorizações e juízos de valor (superior X inferior, certo X errado) produtores de preconceitos, normalizações e aniquilamento.

Essa subversão implica em outras formas de pensar a vida e, em extensão, outros modos de olhar a constituição do humano, não restrita a um desenvolvimento temporal linear/progressivo, em que estados de ser humano são estabelecidos e caracterizados modelarmente (infância, adolescência, adulto e velhice – esta última já sub-categorizada em várias “idades”), mas em um tempo intensivo, em que cada momento é pleno e grávido de devires. Cada momento comporta infinitas possibilidades de desmanche do instituído (Dionísio) para criação de outras formas (Apolo), mais ou menos estáveis; mais ou menos expansivas de vida. Nesta perspectiva, a vida é avaliada ou apreciada em sua imanência (expansão e abundância) e não a partir de valores externos estabelecidos para explicá-la. Ela não solicita explicações (construções metafísicas), mas afirmações de seus variados e diferentes modos intensivos de expansão, compreendida como um permanente processo de desmanche e criação. Nesse sentido, o intensivo não é apreendido pela representação e, portanto, não pode ser explicado, mas afirmado. Somente a extensão (forma) mais ou menos estável, produzida no e pelo intensivo, é representável e, portanto, considerada pelo humano cognescente como a imanência da vida, cabendo, nesse sentido, apreender, qualificar, explicar e transformar (controlar) tais formações extensivas. Ou seja, por um desejo saber/poder (advindo de uma supervalorização do poder da consciência) de justificar e explicar a existência, o ser humano desconsidera a processualidade imanente à vida (intensidade expansiva), assim como a instabilidade contida em todas as configurações e,

entre iguais (todos têm uma potência própria), sem a necessidade de aniquilamento do desigual. Essa necessidade de aniquilar a diferença, base das relações verticalizadas da maioria das sociedades contemporâneas, tem sua genealogia muito bem analisada e esboçada pelo filósofo Nietzsche, que anuncia, então, o imperativo de uma transmutação desses valores.

através de um processo de abstração dessas diferenças, **constrói** uma concepção de vida reduzida à estabilidade, àquilo que permanece em um si mesmo (essência), relegando a diferença à categoria de erro, desvio, simulacro.

Subverter tal concepção é, pois, subverter o próprio modo de estar no mundo, uma vez que a afirmação das intensidades nos remete a um existir mais nômade, em que cada momento é pleno, sem a necessidade de nos remetermos de forma tão imperativa às noções prevalentes de passado e futuro. Esse imperativo, ainda segundo Nietzsche, nos impele a uma existência predominantemente reativa, uma vez que o momento presente é sempre vivido **em função** de algo que o transcende e o determina (a vivência do tempo extenso). Ou seja, nossa ação/pensamento está sempre impregnada pelo vivo (já dado) e/ou pelo que há de advir (voltada para um suposto ganho futuro), impedindo-nos de vivenciar a alegria de novas afetações, advindas do intempestivo que nos desloca e sustenta a abertura para o ainda não vivido. Ação que não se dá como visada do amanhã, mas como afirmação do momento em sua dimensão intensiva e, portanto, expansiva de vida⁵.

O Projeto Agora visa resgatar esta dimensão intensiva como promotora de devires e transformações. Sustentar esse lugar implica na desconstrução da concepção de especialista, o despojar-se de um saber apriorístico sobre o outro, sustentando o inesperado e as incertezas dos encontros. Tal possibilidade pode apresentar-se bastante ameaçadora perante nossa herança de pensamento, que pretende um controle sobre si e o entorno. Entretanto, contrariamente, também pode possibilitar uma maior leveza do profissional, na medida em que, ao tratar-se de uma produção coletiva, não recai sobre si (poder/saber individual) a tarefa de diagnosticar, nomear, explicar e dar conta do suposto truncado do outro. Trata-se, antes, de um grande Sim àquilo que se produz no encontro (dores, alegrias,

⁵ Esse outro modo de conceber a vida não trabalha com categorias valorativas apriorísticas de bem e mal (e as conseqüentes noções de felicidade, saúde, sofrimento e todas as demais), utilizadas para explicar e justificar a própria vida. Expansão da vida significa exatamente o contrário: é afirmá-la em sua processualidade e, como tal, na intensidade do momento e suas afetações de dor e alegria, uma vez que são imanentes à vida. Tal subversão traz à tona um debate fundamental, pois questiona as concepções herdadas de sofrimento, doença, saúde etc, que sustentam as teorias e práticas psicológicas, assim como algumas análises, desenvolvidas por intelectuais de diversas áreas. Para estes, os atuais modos de subjetivação (com a relativização de referenciais antes rigorosos bem definidos), são valorados em seu pólo negativo (uma vez que o pensamento modelar está na genealogia destas análises), e produzem um desamparo universal, avaliado como sofrimento e falta. Entretanto, tais reflexões exigem a elaboração de uma longo e rigorosa análise da genealógica desse pensamento subversivo, que está sendo desenvolvida em um texto especialmente dedicado a. Esta nota foi acrescida não somente à guisa de esclarecimentos pontuais, mas como importante provocação ao pensamento do leitor.

angústias, silêncios), uma ação ativa afirmativa do intensivo (e não reativa, capturando-o em formas extensivas, que precisam ser explicadas através da submissão a um passado), que promove a abertura para atualização de devires ali insurgente. A produção de diferença, quando afirmada, é geradora de ação e movimento, não cabendo, nesse sentido, pensá-la como truncamentos da vida.

Contrariamente, ao ocupar esse lugar, o profissional tem clareza (ou deveria ter) de que os chamados truncados são criações humanas, reproduzidas e reforçadas pela própria Psicologia (psicologismo), cabendo, pois, a esse profissional um olhar ético, e não moral, promotor desse desmanche para que outras formas de existência, sustentadas no exercício ético, possam tomar corpo.

Independentemente das concepções/práticas adotadas observa-se, no jovem profissional, uma angústia **traduzida** como uma sensação de não saber/fazer, fruto de um pensamento modelar, que será menos ou mais exacerbada, conforme a postura do supervisor e/ou grupo de compartilhamento. Quando do predomínio de uma concepção modelar, essa tradução é reforçada e, localizando **no** profissional uma falta, produz uma angústia paralisante e reativa, sentimento de impotência. Contrariamente, quando essa angústia é afirmada como imanente à vida, fruto da vivência da alteridade nos encontros (da ordem do coletivo e não individual), da abundância de possibilidades de sentidos (e não a falta de), produz-se uma plasticidade, lugar de ação e movimento – afirmação do desmanche de formas/sentidos cristalizados e criação de modos expansivos de vida.

Tais concepções de vida não se efetuam, nas práticas e/ou encontros, em formas distintas e isoladas, mas em um embate permanente entre forças ativas e reativas; conforme o momento/contexto há o predomínio de umas sobre as outras. Quando interpretamos uma configuração na perspectiva modelar, as forças reativas estão no predomínio sobre as ativas e, contrariamente, quando a interpretamos em sua processualidade, as ativas estão sobrepondo-se.

Efetivando o Agora.

A sustentação do encontro em suas intensidades exige um **compartilhamento** cotidiano das múltiplas afetações, pois estas, quando ainda não incorporadas como um modo próprio de estar no mundo (outra sensibilidade), tornam-se ameaçadoras de uma

suposta identidade de si. A abundância de sentidos, advinda do devir intensivo, é capturada em perda de sentido uma vez que, modelarmente, aprende-se a pensar/sentir a partir de **um** sentido dado e totalizante, **o sentido**. Nessa perspectiva, considerando a importância do compartilhar, o Projeto prevê encontros semanais, com quatro horas de duração, entre supervisor e alunos estagiários.

Como afirmado acima, a vida não se reduz às extensões construídas e apreendidas pelos limites da consciência. O ultrapassamento desses limites não é seguro e calmo, pois, a princípio, a sensação é de falta e caos em sua negatividade, gerando vivências de dor e angústia (o grande sofrimento em Nietzsche) que, como em todo embate, pode ser capturado em angústia paralisante ou afirmado por uma ação criativa e expansiva. O resultado desse embate é cambiante, mas pode ser avaliado, sempre contextualmente, a partir de seus efeitos, daquilo que pôs (ou não) em funcionamento. No presente, esse ultrapassamento é alvo dos encontros de supervisão, através de trocas, conversas, reflexões/afetações entre os membros que participam do Projeto.

Quanto aos aspectos institucionais, o Projeto propõe:

- 1) A inscrição tradicional dos usuários do Núcleo de Psicologia Aplicada (NPA-UFES) permanece, com data marcada pela Coordenação.
- 2) Quando alguém procurar o NPA (por telefone ou pessoalmente), a secretária informará sobre a data da inscrição e sobre a possibilidade, se a pessoa quiser, de conversar com alguém no horário do Agora. Não é necessário marcar o encontro, mas simplesmente ir ao NPA nesse período.
- 3) O Agora acontece por um período de quatro horas semanais (toda quarta das 17 às 21 hrs), possibilitando o acesso a um maior número de pessoas. Os encontros com a população são concomitantes à supervisão.
- 4) Ao final de cada conversa não haverá marcação de retorno. Entretanto, se a pessoa quiser retornar, ela conversará com qualquer membro do Agora, evitando-se que converse com o mesmo estagiário. Se o retorno tornar-se constante, será discutida com a pessoa a necessidade de inscrição para uma terapia.

O presente Projeto apresenta-se sempre como uma experimentação e, como tal, sujeito a desafios e invenções constantes que serão criadas a partir da problemática surgida em cada momento.

“... o homem, um grande experimentador de si mesmo.”

Nietzsche